



ESTADOS UNIDOS

Shutdown histórico leva transtorno a aeroportos

Escassez de controladores do tráfego aéreo e de agentes da inspeção de segurança, causada pela paralisação do governo federal, força o cancelamento de 1,2 mil voos. Pelo menos 40 cidades são afetadas pela limitação operacional

Em seu 38º dia, o maior shutdown — paralisação dos serviços do governo federal — provocou transtornos em pelo menos 40 aeroportos dos Estados Unidos. Mais de 1,2 mil voos foram cancelados, e 800 sofreram atrasos, um reflexo da falta de funcionários do controle de tráfego aéreo e da segurança aeroportuária. Sem receberem salário, muitos foram afastados temporariamente de suas funções. Na quarta-feira, o governo do presidente republicano Donald Trump ordenou uma redução nas operações dos aeroportos. Entre os terminais afetados, estão os de Washington D.C., Dallas, Atlanta, Chicago, Miami, Los Angeles, São Francisco, Boston e Filadélfia.

As autoridades aeroportuárias cortaram em 4% os voos dos principais aeroportos, de acordo com o jornal *The New York Times*. No entanto, na próxima semana, a interrupção gradual das atividades pode atingir 10% dos pousos e decolagens. O secretário de Transportes norte-americano, Sean Duffy, admitiu ontem que os cancelamentos de voos podem chegar até 20% em alguns aeroportos até o feriado do Dia de Ação de Graças, em 27 de novembro. Ele advertiu que, caso o Congresso não chegue a um consenso sobre o orçamento de 2026 para reativar as funções do governo, mais controladores de tráfego aéreo poderão decidir não retomar suas atividades e procurar um segundo emprego, a fim de garantir sua subsistência.

Dos 14 mil controladores de tráfego aéreo nos Estados Unidos, 11 mil foram forçados a trabalhar sem receber salário e 3 mil acabaram afastados. Todos os dias, mais de três milhões de passageiros embarcam em aviões no país. “Temos amigos que vêm da Europa para ficar conosco, e que viajam amanhã (sábado); estão um pouco assustados”, afirmou à agência France-Presse Elvira Buchi, que foi buscar a filha no aeroporto LaGuardia, em Nova York. “Reduzir os voos, se for por segurança, claro. Mas nunca deveríamos ter chegado a esse ponto.”

“Acho que haverá muitos problemas a partir deste fim de semana, e não sei por que o governo permite que o bloqueio continue, especialmente quando se trata de algo tão essencial como a segurança e o conforto dos passageiros”, reagiu José Rincón, de 78 anos, no aeroporto de Miami.

Kamil Krzaczynski/AFP



Viajantes aguardam na fila para a checagem de segurança no Aeroporto Internacional O'Hare, em Chicago, um dos mais movimentados do país

Kamil Krzaczynski/AFP



Aeronave comercial da United Airlines decola, também em Chicago

As companhias aéreas United e Delta informaram que os voos internacionais de longa distância não foram afetados no

primeiro dia de redução operacional. Os cancelamentos de voos somaram-se aos atrasos e às longas filas nas inspeções

Timothy A. Clary/AFP



Turista espera embarque em terminal de Newark (Nova Jersey)

de segurança — os agentes responsáveis estão há mais de um mês sem receber pagamento. “Se você precisa comparecer

a um casamento, a um funeral ou a qualquer outro evento importante nos próximos dias, dado o risco de cancelamentos



O Senado dos Estados Unidos não deve deixar a cidade (Washington) até que haja um acordo para encerrar a paralisação legislativa causada pelos democratas"

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

11 mil

Total de controladores de tráfego aéreo que foram forçados a trabalhar sem remuneração.

50 mil

Número de funcionários da inspeção de segurança que também atuam sem salário.

de voos, recomendo comprar uma passagem reserva em outra companhia aérea”, sugeriu nas redes sociais o diretor da empresa de linha aérea Frontier, Barry Biffle.

Pressão

Por meio da plataforma Thruth Social, Trump pressionou os senadores a colocarem fim ao shutdown. “O Senado dos EUA não deve deixar a cidade (Washington) até que haja um acordo para encerrar a paralisação legislativa causada pelos democratas”, escreveu, na noite de ontem. “Se não conseguirem chegar a um acordo, os republicanos devem acabar com a obstrução parlamentar imediatamente e cuidar dos nossos estimados trabalhadores.”

Ontem, esperava-se que o Senado tentasse, pela 15ª vez, adotar uma medida de financiamento de curto prazo para reabrir o governo — a qual tinha sido aprovada pela Câmara dos Representantes.

Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ
silvioqueiroz.df@gmail.com

Geopolítica da COP na Amazônia

As ausências de Donald Trump e Xi Jinping, por opção própria, e de Vladimir Putin, por conta de sentença do Tribunal Penal Internacional, determinaram o rumo seguido pelo Brasil na conferência ambiental de Belém. Para a diplomacia brasileira, foi o convite para articular o tema em outras direções.

O foco da presidência da COP foi arastar o compromisso dos países desenvolvidos com as metas definidas segundo os parâmetros fixados em 2015 pelo Acordo de Paris.

Retomar esses e outros compromissos foi apenas uma das direções de ação.

Em nome de tudo que está em jogo, cresce a pressão de ONGs e outros atores por uma ação efetiva.

Quem samba...

De olho na importância de fechar pontas e abrir caminhos, Itamaraty e Planalto apostam, agora, nos acordos bilaterais e multilaterais levados para fechamento em Belém. Afora os debates técnicos, a questão é política — saber quem acompanha medidas concretas para enfrentar a crise climática.

De saída, inclusive pela presença de

seus líderes, o alvo são potências europeias. Com elas, o debate climático e ambiental flui.

Quem não samba

Quanto a EUA, China e Rússia, a conversa tem direções divergentes. Os dois últimos, sócios no Brics, fazem parte de um círculo estratégico de relações que endereça questões sobre desenvolvimento, igualdade e relações globais equilibradas entre países industrializados e os que buscam a industrialização — nos novos

moldes desenhados pela transição à economia pós-carbono.

Por razões distintas, entre si e com Washington, são parceiros que remetem ao samba que Jamelão celebrou com a voz, de parceria com Tião Motorista:

Quem samba fica, quem não samba vai embora.

Agora vai?

Não por acaso, o governo brasileiro anunciou a intenção de assinar até o fim do ano o acordo comercial entre Mercosul e União Europeia. Negociado há mais de 20 anos, ele estabelece o maior mercado comum do mundo.

A firma do texto não fecha o processo, do ponto de vista legal. Faltará a ratificação

pelos parlamentos dos países envolvidos.

Do lado europeu, as atenções se voltam para a França. Emmanuel Macron aposta no acordo para dobrar resistências internas. Mas enfrenta a reação dos produtores rurais, apoiados no Legislativo por uma aliança tácita — e insólita — entre a extrema-direita e a esquerda radical.

Orientado

Pela perspectiva brasileira, o viés definido para a COP de Belém resume uma direção de política externa definida por Lula ainda em campanha, em 2022, e reafirmada com a vitória sobre Jair Bolsonaro. O Brasil busca protagonismo na agenda ambiental como credencial para incidir em outros temas globais.